

# O homem, medida de todas as coisas

Karel Kosik

(Filósofo checo, tem diversas obras publicadas, entre elas, *Dialética do Concreto*, Paz e Terra, Brasil, 1976.

*O pensamento e a ideologia se excluem mutuamente. A ideologia inibe o pensamento, calcula e mistifica.*

Entrevista a Antonio Cassuti, publicada em *Leviatã* (n.º 53/54, outono/inverno de 1993) e traduzida para o português por Luciana Monteiro de Moura.

**P**rofessor, o senhor tem sido considerado, ao nosso de ver com razão, o representante mais destacado do marxismo (ou neomarxismo) checo. Parece que, neste momento, a interpretação marxista está nadando contra a corrente, já que a história (ou melhor dizendo, a *praxis*) saiu vencedora frente à ideologia. Qual é sua posição a respeito? Uma simplificação de assemelhamento à globalidade é cabível?

— Recordo que a dez ou quinze anos atrás, quando com frequência era convocado para interrogatórios, os funcionários da segurança do Estado me perguntavam: "Você é marxista?" E naqueles tempos eu respondia: "Se Breznev e Husák são marxistas, eu não posso ser marxista. Se eu sou marxista, eles são antimarxistas declarados." Hoje, todavia, a situação mudou. A partir dos acontecimentos de novembro de 1989, as pessoas da ordem deixaram de falar do autor de *O Capital* (depois de Spinoza e Hegel, se repete a história de "morto o cachorro..."), e os notáveis de Praga se apressaram em demonstrar sua lealdade a economia de mercado, apagando os nomes de Marx e de Rosa Luxemburgo do roteiro. Numa situação assim, me pareceu um gesto de elementar decência (não seria necessário recordar o que significava a decência, o pudor, os *nidos* na Antiga Grécia? A decência é o princípio fundamental da democracia) assumir publicamente a defesa daquele grande pensador. Reconheço os obstáculos de um enfoque semelhante. Quem se inscreve numa corrente determinada de pensamento e se considera tomista, husserliano ou heideggeriano, se expõe ao risco de subscrever a doutrina e perder a capacidade de pensar. Assim, se devo definir minha adscrição diria que sou seguidor do pensamento crítico. Talvez uma expres-

são como esta seja imprecisa, uma das duas palavras sobram: o pensamento é em sua essência crítico, e a verdadeira crítica é reflexiva.

O pensamento é um grande dom e uma aparente obviedade, mas há momentos que é doloroso, esgotador, não óbvio. Daí que a todo momento confundam-no com um substituto que é o cálculo. O cálculo chega sem esforço, por si só: a gente calcula a forma de comprar a um bom preço, de ganhar muito, de eliminar um adversário ou de conseguir um cargo importante ou um posto influente, calcula e tem a impressão que conhece a vida e de que sabe como marcham as coisas do mundo, quando na realidade essa mesma gente não tem nem a mais remota idéia do que ocorre ao seu redor, e menos ainda a ela mesma. Cedem à impressão e se convertem em presa fácil da ideologia, velha ou nova. O pensamento e a ideologia se excluem mutuamente. A ideologia inibe o pensamento, calcula e mistifica.

— O senhor guardou um enorme silêncio trás à breve e intensa temporada a qual se dá o nome de Primavera de Praga. Por quê? Era por acaso um silêncio para a preparação de algo novo?

— O que é o silêncio e o que significa calar? Nesta época falante, o silêncio não resulta talvez eloquente? E, eventualmente não recorda a existência do substancial e das coisas substanciais, que o puro palavreado passa por alto e confunde?

Os literatos tendem a sobrevalorizar o significado da palavra escrita ou falada, e por isso é comum escapar-lhes o sentido do silêncio do povo (ou seja, da maioria). Na diferença semântica das três frases: a maioria cala, a maioria tem calado, a maioria tem sido calada, se extrai a diferença das situações históricas. Há momentos

nos quais pelas ruas, pelas praças, ou ao ar livre saem centenas de milhares de pessoas, e assim, formando uma multidão, dizem o que opinam sobre a política. A multidão que lança "slogans", que proclama glórias ou vergonhas, decide a história: podem cair governos consolidados ou recuperar-se durante um tempo regimes que estão na corda bamba. O povo, que em novembro de 1989, em Praga, derrubou só com a sua presença nas ruas um regime podre e corrompido, hoje cala. Cala por que está cansado e desiludido, por que se ocupa de seus assuntos, do trabalho, de crescer, de construir o patrimônio? Ou por que não tenha nada o que dizer, por que deixa que os outros, seus representantes, falem por ele e em seu nome? Por acaso expressaria com tamanho gosto sua insatisfação, mas não tem a oportunidade de fazê-lo e não é capaz de formular suas sensações com palavras adequadas? Ou caiu de novo, como tantas outras vezes, na indiferença, numa indiferença que somente sairão em função das impetuosidades futuras?

Os literatos muitas vezes não entendem que a maioria fala também quando cala, já que se pronuncia com sua linguagem, que os catedráticos ignoram. Há quem tem que semear e colher, quem tem que construir casas, quem tem que conduzir os ônibus e os trens, quem tem que entregar a correspondência, que produzir nas fábricas, que ceifar árvores ou cultivá-las, quem tem que curar e operar; essa é a eloquência das pessoas, que os literatos, abrilhantados pela contemplação do não usual e admirados de sua própria excepcionalidade, consideram ordinária. Os intelectuais de nossa época, narcisistas e vaidosos, olham tanto à si mesmos, crêem tanto na sua importância ao ponto de divertirem-se com seus discursos barulhentos e prolixos, que não ouvem o que diz o silêncio do povo (da maioria muda que não fala) o que anunciam *os acontecimentos, os feitos, as histórias*, cujo sentido e avisos não levam em conta.

Em 1958, numa grande assembléia de "filósofos" praguenses (ha-

---

*Os literatos muitas vezes não entendem que a maioria fala também quando cala, já que se pronuncia com sua linguagem, que os catedráticos ignoram.*

---

via cerca de duzentos) me induziram a "caminhar com o espírito da época" e a renegar a minha frase: "Terminou o domínio da ideologia, começa a época do pensamento crítico". Neguei-me. Em 1969, Gustav Husák e o presidente de então tratavam de convencer-me a caminhar com "o espírito da época" e a renegar minha opinião de que o 21 de agosto de 1969 havia sido uma invasão militar. Neguei-me. A partir de novembro de 1989, de lugares diferentes chegam-me notas que me dizem para "colocar a cabeça no lugar certo", que seja de uma vez razoável, que caminhe com "o espírito da época" e que me junte aos demais na aceitação da nova ideologia. Dão-me a entender que se o faço poderei falar na rádio ou na televisão e que me permitiria publicar, inclusive no renomado *Literární noviny*.

Quem cala não se compromete com ninguém a permanecer sempre em silêncio, nem renuncia à possibilidade de pedir de novo, alguma vez, a palavra, sempre que tenha algo a dizer. O que é que tenho feito nos últimos vinte anos, durante os quais primordialmente me calei, enquanto o poder, com ameaças, tentava calar-me? Tenho vivido e também refletido. Não tenho inventado nada novo, tão somente tenho examinado com o pensamento temas velhos, muito velhos, eternos e sempre atuais: que é a verdade, quem é o homem. Tenho refletido em vão?

— **Dá a impressão de que Mitteleuropa se ressentir sempre das feridas dos tempos: Versalhes, Munique, Yalta, o sessenta e oito de Praga, o angustiante desmembramento da Iugoslávia.** Neste

marco hoje também se inclui a separação de checos e eslovacos. Por que não se levanta uma só voz de protesto e tudo parece necessário, dialéticamente necessário? Por acaso não se trata de uma realidade dramática que afeta não somente aos povos destas regiões (do coração da Europa), senão a toda a Europa e seu futuro?

— Peço-lhe que não considere pedante que inicie minha resposta com uma nota polêmica. O termo Mitteleuropa está muito carregada de juízo ideológico para que possa servir de ponto de partida para uma reflexão sobre uma parte determinada da Europa. Mitteleuropa é um termo que obscurece as ambições imperiais e de domínio dos alemães sobre um território habitado por checos, eslovacos, húngaros, austríacos e italianos. Por isso, em consciente polêmica com dita interpretação, prefiro o termo "Europa central", que para mim abarca o espaço histórico ocupado por checos, alemães, judeus, eslovacos e húngaros, e que se defende de duas ameaças externas: o pangermanismo (o velho e o novo) e o czarismo (o tradicional e o moderno).

Em 1963 escrevi um artigo que intitulado "Hasek y Kafka", ou "el mundo grotesco". Não era um ensaio literário, e sim uma declaração programática que destacava que a Europa central é um espaço histórico, e portanto, cultural e espiritual, o lugar da relação, do encontro e da influência recíproca de muitas nações e muitas nacionalidades, sem que possa por tal motivo ser reduzido ou transformado (a menos que queira perder seu caráter criativo e de síntese) pelo domínio monopolista de uma nação sobre as demais. Quando, a trinta anos, chamava a atenção sobre o fato de que a cultura da Europa central é o produto e fruto não de uma só nação e de sua supremacia, mas do contato, do enfrentamento e da mútua influência entre checos, alemães e judeus, minha opinião ficava reduzida a um chamamento individual, sendo que hoje se converteu numa frase cheia e numa trivialidade. Por isso sou obrigado a repetir minha

velha idéia, desta vez em forma de pergunta: "Se como checos éramos o que somos, numa especial comunicação com alemães, judeus, austríacos e eslovacos, não correremos, hoje, os riscos de ficarmos órfãos e abandonados?". Os judeus foram exterminados; os alemães, deportados; o Estado comum de checos e eslovacos se desfez. Os laços seculares dos quais surgia a cultura ficaram rotos e os checos são fadados ao vazio, ou melhor dito a rígida languidez e a uniformidade ditadas pelo domínio monopolista do mercado e de seus mecanismos. Na dissolução destas conexões históricas se oculta uma decadência mais profunda: o homem moderno, também na Europa central, perde e renuncia à relação com a verdade e com o Ser, ao que confunde com um sucedâneo, isto é, a aspiração a manipular e a dispor de tudo. Também na Europa central está se desenvolvendo o drama que decide a fisionomia da época moderna, só que este drama está disfarçado com roupagens distintas. A fórmula histórica, o paradigma da época moderna, soa assim: o homem (Descartes) se libera de seus laços tradicionais, tanto eclesiásticos como seculares, que considera um peso e um obstáculo, nega-se a obedecer a uma autoridade externa, decide aplicar em tudo sua própria razão, e neste acontecer liberador se constitui um sujeito heróico autônomo (Diderot, Mozart, Kant). Mas este grandioso princípio moderno é caracterizado por uma ambigüidade: o sujeito não tem somente vontade de ser livre, mas, também, está possuído pela ânsia de dominar a natureza, de converter-se em seu único senhor e amo. Esta ambigüidade se cumpre como drama da obsessão ("Los demonios", de Dostoievski) e culmina numa confusão completa ("die verkehrung, die verstellung", dizem os filósofos alemães), onde o sujeito orgulhoso e triunfante, decidido a reinar sobre tudo, erige um sistema que garante o conforto e o bem-estar, mas também devastação, penúria espiritual, vazio. O irreprimível subjetivismo da época moderna (manipular e dispor de tudo) acaba dominando novamente os ho-

---

*O paradigma histórico atual chegou ao final e aos limites de sua razão e de sua imaginação; se esgotou.*

---

mens, os prende ao funcionamento de um sistema que os transforma em acessórios de si mesmos. Esta confusão e esta desordem geram aflição (Kafka), mas também zombaria e escárnio (Hasek).

A peculiaridade da situação checa, ou melhor, da variante centro-européia de um drama mundial, reside no fato de que este processo universal se desenvolve como se fosse descrito ou inventado por Kafka ou Hasek, como grotesco e farsa. A época atual não é um *theatrum mundi*, não é "o espetáculo do homem e do destino, espetáculo em que Deus é espectador" (G. Luckács), e sim uma farsa em cuja trama foi incluído um deus depositado e humilhado para que desempenhe o penoso papel de confirmar que o sistema é a única realidade, frente à qual não existe alternativa. O deus cristão, os deuses pagãos e neopagãos já não residem nos céus como personificação do sublime que se irradiava até as mesmas ruas, mas que se vêem arrastados pela corrente uniforme da trivialidade e da cotidianidade enquanto acessórios seus, seguidores seus e defensores.

Nas terras checas se entrelaçam hoje dois processos: a restauração do capitalismo primitivo do século XIX e a instauração do sofisticado neocapitalismo contemporâneo. E todos os exponentes da restauração e da instauração levam a cabo um projeto que historicamente já está superado. O paradigma histórico atual chegou ao final e aos limites de sua razão e de sua imaginação; se esgotou.

— Nas terras checas se tem a impressão de que se assiste ao silêncio da cultura, ao silêncio dos intelectuais frente às mudanças políticas que se vem produzindo.

Por outro lado, parece-nos que as relações entre política e cultura foram estreitas ao largo de sua história. Ao que responderia isto que, segundo muitos, é uma má notícia?

— O paradigma histórico dominante chegou ao seu término e aos seus limites: sua existência é a supremacia de uma repetição estéril do mesmo em dimensões grandiosas. O que equivale dizer que aumenta não só a riqueza de uma minoria privilegiada (os habitantes do Norte), e ainda que ademais propaga a inanidade e a penúria de espírito, de onde nasce a violência, a frustração, as drogas, o desespero, o descontentamento, a máfia, a prostituição de todo tipo. As pessoas estão imersas num discurrir ditatorial e ininterrupto de imagens (rádio, televisão, publicidade, cinema), e consome passivamente os estereótipos que lhe servem, de maneira que perdem a imaginação e a fantasia: se converteram em vítimas das imagens pré-fabricadas. O que nos pode salvar desta catastrófica pobreza de espírito? Não existe nenhum deus que possa salvar-nos, e aguardar sua vinda, no futuro, significa permanecer presos na penúria de espírito imperante. Somente a imaginação nos pode tirar da pobreza de espírito. Todo o poder liberador brota da imaginação criativa.

— Que pensa da política checa hoje, de seu pragmatismo e da ausência, se cabe falar assim, de uma perspectiva universal? É fato que são os políticos pragmáticos que predominam e não os políticos pensadores, que na Checoslováquia têm uma tradição importante. Para dizer a verdade, Masaryk e Palacky, por exemplo, parecem por completo apartados, ou melhor dizendo simples recordações do passado, totalmente fora de jogo.

— A Europa central gira hoje dentro do paradigma que determina o movimento do planeta e até hoje não teve nem valor nem imaginação criativa para desmascarar a usura, o caráter obsoleto, a pobreza de espírito.

A desmoralização que estourou (evito intencionalmente dizer "que começou") em 1938 com o *diktat* de Munique e com a capitulação (hoje já ninguém sabe quem entregou então a república a Hitler sem impor resistência), não se deteu depois de novembro de 1989, e sim se aprofundou. Em efeito, já é a manifestação de uma nova falsificação e de uma nova mistificação o feito de que a ideologia atual do governo fale em *quarenta anos* nefastos ou perdidos. Decisivo é o período de *cinquenta e cinco anos*, desde 1938 até hoje, que em terras checas é uma época de devastação da moral e de inanidade espiritual, só temporariamente interrompida e durante lapsos muito breves por realizações e ações destacadas que tomavam a palavra o espírito e a moral, que logo seriam mais uma vez excluídas da cena por intérpretes sem alma.

O curto período de três anos que nos separa do convulsivo novembro de 1989 está caracterizado por um contínuo desengano, pela perda das ilusões e do entusiasmo inicial. Passamos rapidamente dos sonhos, das esperanças e das visões à realidade? Em absoluto. O que se deu é sensivelmente a queda no *puro interesse* a que a realidade ficou reduzida. As pessoas não vivem na realidade, não sabem o que é, mas se vêm-se atraídas e desviadas à pseudorealidade, à uma caverna *diferente* ao final da qual lhe promete conforto e felicidade. E esta farsa, a interpretam todos os atores com rosto *sério, mit den wichtigsten gesichtern*, como escreveu Georg Büchner.

A sociedade e o comportamento das pessoas dentro da mesma ficam reduzidas ao puro interesse. A sociedade se reduz a um circo no qual se enfrentam os distintos sujeitos que intrigam com o interesse, ao tempo que uma política ilustrada regula e modera tais antagonismos. Mas nenhum dos atores em conflito, nem os moderadores nem os intérpretes que reclamam o consenso, sabem, sequer minimamente, que os *interesses* que se enfrentam e se equilibram são uma mistificação entre e uma baixa derivação do ser do homem, que é *interesse*. Estar entre o finito e o

---

*A existência humana é  
um drama cuja  
interpretação se repete  
sempre desde o começo  
(tragédia, comédia,  
farsa, grotesco).*

---

infinito, entre a verdade e a não verdade, entre o bem e o mal, entre a mistificação e a denúncia. O homem não é somente e sobretudo um "sistema de necessidades", mas também e fundamentalmente uma necessidade metafísica (*die transzendentale Bedürftigkeit* em Hegel e em Hölderlin), ou seja, o homem *necessita*, para ser homem, da verdade, da linguagem, do bem, da beleza. A existência humana é um drama cuja interpretação se repete sempre desde o começo (tragédia, comédia, farsa, grotesco).

Que pode-se fazer hoje no país de Hasek a *maioria*, isto é, aqueles que estão ligados ao seu próprio trabalho e não a um patrimônio que gera renda? Podem observar de que maneira os intérpretes históricos, os novos ricos, os nobres e a Igreja se batem pela propriedade e pelos seus benefícios; podem observar de que maneira os literatos, que antes consideravam a si mesmos "a consciência da nação", embelezam esta trivialidade fútil e se convertem em seus apologistas: a maioria pode assistir a este espetáculo teatral, mas ninguém tem o poder de proibir o riso.

Masaryk, a quem você mencionou, não está muito em moda hoje. Coisa que não deve surpreender: seu *grande* logro, o Estado *comum* de checos e eslovacos, foi desfeito pelos políticos, alguns dos quais atuaram intencionalmente, outros por incapacidade; de qualquer jeito, nenhum deles tinha esses dotes imaginativos que estiveram presentes na origem da república democrática comum em 1918. Os checos e os eslovacos têm duas línguas aparentadas entre si, se entendem sem intérprete, mas sua história, o passado, o temperamento, seu modo de pensar, são com-

pletamente diferentes. O Estado comum de checos e eslovacos foi uma grande experiência histórica. Podem conviver individualidades tão diferentes? Para que um experimento assim desse resultado era necessário que cumprissem uma série de condições. A democracia deveria ter sido completa e coerente, de modo que *todos* se sentissem na república como em sua própria casa e não experimentassem a necessidade de separar-se. Segundo ponto: as lideranças políticas deveriam ter explicitado a vontade de *defender* a república, tanto em 1938 como em 1968. E, enfim, um terceiro ponto: que os alemães queiram viver e vivam num Estado comum é para eles algo natural, assim como para os franceses e para os polacos. Mas um Estado comum de nações tão distintas *não* é uma obviedade, sua motivação e sua existência exigem imaginação política, previsão, sabedoria. Pena que em terras checas essas qualidades tenham desaparecido junto com Masaryk.

E Palacky? Por acaso não são válidas suas advertências quando dizia que os checos sem aliados – os mais naturais são os eslovacos – se converteriam em fácil presa de seus vizinhos expansionistas e correriam o risco de cair num estado de subordinação como protetorado ou como *governo*?

— A questão checa parece distanciar-se da questão soviética, já resolvida, para a questão alemã, todavia ainda em aberto. Os checos estão destinados a medir força com um vizinho forte, por isto teriam a necessidade de examinar-se constantemente através de uma reflexão profunda, universal?

— A "questão checa" é em realidade um medir-se constante com vizinhos que não são numericamente mais fortes, mas que distinguem-se – aí vive o essencial da dita "questão" –, tanto por seu expansionismo quanto por seu elevado grau de cultura. No século XIX, os checos responderam aos russos e aos alemães pela boca de seus próprios representantes: admiração por Kant, mas queda pela agressivida-

de e superioridade pangermânicas (Palacky), desprezo pelo carisma e infinito amor por Gogol (Havlicek).

Hoje, no final do século, a nós, o povo eslavo pouco numeroso da Europa central, já não nos ameaça nem a germanização nem a russificação. Já não estamos ameaçados, então? *Talvez mais que nunca.*

No momento não me pronuncio sobre o argumento segundo o qual tanto faz que a Europa central seja dominada pelo debilitado capital checo ou pelo forte e dinâmico capital alemão, norte-americano ou japonês. O importante é saber que tipo (estilo) de vida *vão impor* esta ou aquela força à nação, e por conseguinte a mim. Para afirmar-se, o capital checo deve converter-se num componente, numa filial, numa voz do capital supranacional, e portanto haverá de desempenhar as funções e cumprir os encargos *daquele* capital.

Nego-me a aceitar a pobreza de espírito, a agressividade e a vulgaridade do capital internacional ou supranacional, que já não é o obsoleto capital do século XIX, mas que hoje em dia domina globalmente como super-capital, e como uma moderna besta *triumphans* o submete e facilita tudo para *seu* avanço e *seu* funcionamento.

A desmontagem da nação que estamos assistindo não é mais que o resultado da destruição global do homem, que já não está qualificado (definido) pela relação com a verdade e o Ser, mas mortificado (na sua opinião, naturalmente, elevado) por um aperfeiçoamento, nunca realizado "sistema de necessidades". Produziu-se uma mudança catastrófica: o homem está excluído do lugar que lhe espera, foi separado e levado à outra parte completamente diferente, à trivialidade e à pobreza de espírito, à unidimensionalidade do funcionamento do sistema. E a ideologia pós-moderna se soma a este declive com a afirmação de que a verdade não existe. Se não existe a verdade, tampouco pode existir a mentira. A verdade não é apenas uma medida, mas também uma possibilidade de distinção entre o verdadeiro e o falso, entre o sublime e o fictício. Se não existe a ver-

---

*Uma alternativa liberadora pode, por conseguinte, nascer da imaginação criativa e reflexiva, da busca da dimensão da qual carece a época moderna.*

---

dade, tudo se funde numa névoa irreconhecível, numa identidade vazia, melancólica.

— Você está interessado no futuro do socialismo e da democracia. Hoje em dia, a esquerda europeia, e em especial o movimento sindical, parecem estar em crise. O fim do "socialismo que veio do frio" ajudou também a crise do socialismo democrático. Não é assim?

— De tudo o que disse se deduz que: o movimento socialista *está e tem* que estar em crise, dado que gira *dentro* do paradigma imperante, historicamente esgotado, estéril e pobre de espírito, além do que não demonstra valor nem imaginação para superar este paradigma e rompê-lo. A crise da época moderna reside no fato de que frente ao paradigma imperante, realizado na Europa, no Japão, na América do Norte, falta uma alternativa liberadora. Esta alternativa não é *algo* distinto, mas a mesma *medida* e a mesma *dimensão* com as quais se consegue superar a limitação da caverna, sendo indiferente que a caverna seja pobre ou de luxo, e com os que se procede, ao ar livre, à fundação do mundo. O regresso à antiga *polis* ou à comunidade cristã medieval, que detém esta dimensão, não é possível, pois a vida no interior das mesmas ficaria insuportável para o homem moderno. Uma alternativa liberadora pode, por conseguinte, nascer da imaginação criativa e reflexiva, da busca da dimensão da qual carece a época moderna.

A "esquerda", ao dar atenção a esta realidade, se verá competindo e respaldando a "direita" na far-

sa de nossos dias, que é estéril, penosa, ridícula, mas que também pode converter-se numa farsa sangrenta, numa catástrofe sem fim.

O pensamento há de permanecer fiel a si mesmo. Sua suprema e única fidelidade é a de pensar. Portanto, não deve fantasiar e inventar um novo paradigma, basta que reflita sobre o que hoje em dia impera e que trate de analisar a simbiose ciência-técnica-economia. Certa vez escrevi que nesta trinca estão cifradas, portanto, ocultas as possibilidades *liberadoras*, sendo tarefa do pensamento perguntar-se outra vez o que é a economia (o que é a casa, a habitação, o que significa administrar?), o que é a ciência (o que significa para o homem saber as coisas substancias e saber distingui-las das secundárias?), o que é a técnica (o que é a arte de estar no mundo e não viver numa caverna que não tem conhecimento do mundo ou que o nega?).

— No que diz respeito às terras checas, quais as perspectivas, do seu ponto de vistas, da social democracia e a esquerda em geral?

— Esse é um tema que afeta às terras checas com maior urgência, já que a ideologia dominante obscurece o fato de os partidos do espectro político, como se diz hoje, atuam *dentro* do sistema, de um sistema que já esgotou suas possibilidades históricas e que produz, portanto, com grande luxo da minoria, tão só devastação e esterilidade. A "direita", a "esquerda" e o "centro" em seus programas, em sua atividade e em seus contrastes recíprocos, não fazem mais que *manter e conservar* este sistema como única realidade frente à qual não existem alternativas.

A demolição do Império soviético é um passo liberador na busca de uma alternativa. Podem dizer o que queiram os ideólogos do neocapitalismo, mas o certo é que é próprio da ironia do século XX o fato de que esse sistema se dissolvera não porque fosse soviético e comunista, mas porque liquidou os soviets (os conselhos dos trabalhadores), substituindo-os por uma ditadura policial e burocrática, porque reprimiu o comunismo como

